

ABERTURA

Durante anos, de forma intermitente, li e reli este texto, ou fragmentos dele, falei sobre ele, tomei e voltei a tomar notas, que perdia ou não achava quando eram precisas e, mais recentemente, preparei algumas sessões de seminário, até para me forçar à resposta por escrito, que demasiado vinha adiando.

Hoje ainda, o que aqui posso propor são notas para um caderno de encargos, uma espécie de treino da mão que lê, escrevendo, para um pouco mais tarde. Mais precisamente este texto é a parte feita e inacabada de um trabalho em curso. Aquele longo adiamento da leitura escrita foi avolumando o sentimento de uma dívida para com Carlos de Oliveira, assim como torna, hoje, a minha relação com este romance uma espécie de explicação comigo mesmo (que, é evidente, passa necessariamente pela interlocução com outros). Se àquele adiamento se somar o carácter parcelar deste escrito, que é incompleto, não no sentido em que toda a leitura é sempre incompleta, mas no sentido trivial de que não acabei o trabalho, compreender-se-á que o que agora comecei a escrever é, de certa maneira, escrito em estado de urgência.

Entretanto, felizmente (porque a multiplicação das leituras não é um mal, mas uma forma lógica e historicamente necessária da existência e da circulação daquilo a que chamamos literatura), muitos foram escrevendo sobre ele, na Universidade e nos seus arredores ou em outros espaços culturais. Entre as mais interpelantes dessas leituras encontram-se aquelas que lêem aquilo que nós não lemos ou que lêem de outro modo o que já tínhamos lido e, em particular, aquelas que apresentando diferenças fortes e sustentadas mostram como *Finisterra* continua a desafiar a leitura e a ser uma espécie de *revelador* (em sentido fotográfico) dos modos de ler, dos pressupostos, opções e valores de quem lê. As diferentes leituras que este texto tem suscitado são com frequência movidas por aquele ânimo de controvérsia pelo qual o conflito hermenêutico integra a busca de uma *compreensão activa* que vai para além da vontade de vencer. É do trabalho dessa compreensão que justamente podemos esperar a articulação da experiência que fazemos – uma “prova retórica” (uma prova na linguagem que responde, procurando manter-se no horizonte de expansão do texto) – do carácter *resistente* desses textos que, como *Finisterra*, nunca estão para sempre já lidos e, também nessa medida, são aqueles *grandes textos clássicos* aos quais Carlos de Oliveira se refere no poema “Leitura” de *Pastoral*.

Os passos do trabalho, que começo, visando a articulação de uma resposta ao livro, passam e voltarão a passar pelo diálogo crítico (que será também confronto e conflito, até porque sem eles muito pobre seria o diálogo) com algumas das principais respostas divergentes que *Finisterra* tem suscitado. Começarei, contudo, por algumas pequenas hipóteses de leitura e tentativas de descrição (ou de redescrção) de momentos, procedimentos e relações, reservando para mais tarde a argumentação em relação a algumas dessas divergências. Mesmo julgando saber que (i)

não há descrição totalmente livre de opções ou pressupostos interpretativos (que desde logo incluem suposições e decisões sobre o que há para descrever), e (ii) que não é linear nem formalmente segura a passagem (ou o salto) que construímos quando pretendemos fazer derivar (ou “extrair”) de uma descrição uma dada interpretação; continuo a pensar que vale a pena, pelo menos como uma ideia reguladora ou como uma indicação terapêutica, acumular descrições e redescrições, explicitando as hipóteses que em parte as desencadeiam ou são por elas suscitadas.